


**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA DA
EXPERIÊNCIA E DO PERTENCIMENTO**

**ENVIRONMENTAL EDUCATION FROM THE PHENOMENOLOGICAL
PERSPECTIVE OF EXPERIENCE AND BELONGING**

**EDUCACIÓN AMBIENTAL DESDE LA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA DE
LA EXPERIENCIA Y LA PERTENENCIA**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n7-335>

Data de submissão: 28/06/2025

Data de publicação: 28/07/2025

Samuel Marques Borges

Mestrando em Educação

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

Neila Barbosa Osório

Pós-doutora em Educação

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

Eduardo Aoki Ribeiro Sera

Doutor em Educação na Amazônia

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

Leonardo Sampaio Baleeiro Santana

Mestre em Educação

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

Afonso Tiikwa Xerente

Mestre em Antropologia Social

Instituição: Universidade Federal de Goiás

João Kwanhã Xerente

Mestre em Comunicação e Sociedade

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

Francijanes Alves de Sousa Sá

Mestre em Educação

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

Elizângela Mendes Sousa Carneiro

Mestre em Educação

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

Claudiany Silva Leite Lima

Mestre em Biotecnologia

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

Valmir Fernandes de Lira

Mestre em Educação

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

Leila Cardoso Machado

Mestre em Linguística Aplicada

Instituição: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Andre Ribeiro de Goveia

Mestre em Educação

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

Luciano Paulo de Almeida Souza

Mestrando em Educação

Instituição: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Karinne Oliveira Meneses

Mestranda em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais

Instituição: Universidade Federal do Norte do Tocantins

Katiuscia da Silva Fernandes

Especialista em Gestão da Comunicação em Mídias Sociais

Instituição: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Patricia Oliveira Menezes

Especialista em Neuropsicopedagogia

Instituição: Instituto Presidente Antônio Carlos

Orcimar Sousa Gomes de Amorim

Especialista em Educação Matemática

Instituição: Universidade Estadual do Tocantins

Osiana Lustosa dos Santos

Especialista em Psicopedagogia

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

Ana Érita Gomes dos Santos

Especialista em Orientação Educacional

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

Joselma dos Reis Gouveia

Especialista em Orientação Educacional

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

Valnice da Mata de Brito

Graduada em Licenciatura Intercultural

Instituição: Universidade Federal de Goiás

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar as contribuições da fenomenologia para a educação ambiental, com ênfase nas noções de experiência e pertencimento como fundamentos para uma prática pedagógica mais sensível, ética e comprometida com a vida. A pesquisa adota abordagem qualitativa e bibliográfica, conforme os princípios metodológicos descritos por Lakatos e Marconi (2017), e estrutura-se como um estado da arte, identificando produções acadêmicas que articulam educação ambiental à fenomenologia da percepção. Fundamentada nas contribuições de autores como Husserl(2006), Merleau-Ponty(1971), Marin(2009), Oliveira(2006) e Ribeiro(2009), a investigação evidencia que a fenomenologia se contrapõe ao racionalismo abstrato e à fragmentação entre sujeito e mundo, propondo um retorno ao vivido, à corporeidade e à sensibilidade como vias legítimas de conhecimento. Os resultados apontam que a percepção ambiental não se dá apenas por meio de conceitos, mas por experiências encarnadas que antecedem a linguagem e favorecem o vínculo afetivo com a natureza. A reflexão sobre esse pertencimento é essencial para ressignificar o papel da educação frente às crises socioambientais contemporâneas. Conclui-se que a fenomenologia, ao enfatizar a experiência direta e o envolvimento corporal com o meio, contribui para uma educação ambiental transformadora, que se estrutura não apenas pela informação, mas pelo engajamento existencial do sujeito com o mundo natural.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Fenomenologia. Pertencimento.

ABSTRACT

This study aims to analyze the contributions of phenomenology to environmental education, with an emphasis on the notions of experience and belonging as foundations for a more sensitive, ethical, and life-affirming pedagogical practice. The research adopts a qualitative and bibliographical approach, in accordance with the methodological principles described by Lakatos and Marconi (2017), and is structured as a state-of-the-art, identifying academic productions that articulate environmental education with the phenomenology of perception. Based on the contributions of authors such as Husserl (2006), Merleau-Ponty (1971), Marin (2009), Oliveira (2006), and Ribeiro (2009), the investigation demonstrates that phenomenology opposes abstract rationalism and the fragmentation between subject and world, proposing a return to the lived experience, corporeality, and sensitivity as legitimate avenues of knowledge. The results indicate that environmental perception is not only achieved through concepts, but through embodied experiences that predate language and foster an affective bond with nature. Reflecting on this sense of belonging is essential to redefining the role of education in the face of contemporary socio-environmental crises. The conclusion is that phenomenology, by emphasizing direct experience and bodily engagement with the environment, contributes to a transformative environmental education, structured not only by information but also by the individual's existential engagement with the natural world.

Keywords: Environmental Education. Phenomenology. Belonging.

RESUMEN

Este estudio busca analizar las contribuciones de la fenomenología a la educación ambiental, con énfasis en las nociones de experiencia y pertenencia como fundamentos de una práctica pedagógica más sensible, ética y vitalista. La investigación adopta un enfoque cualitativo y bibliográfico, de acuerdo con los principios metodológicos descritos por Lakatos y Marconi (2017), y se estructura como un estado del arte, identificando producciones académicas que articulan la educación ambiental con la fenomenología de la percepción. Con base en las contribuciones de autores como Husserl (2006), Merleau-Ponty (1971), Marin (2009), Oliveira (2006) y Ribeiro (2009), la investigación demuestra que la fenomenología se opone al racionalismo abstracto y a la fragmentación entre sujeto

y mundo, proponiendo un retorno a la experiencia vivida, la corporalidad y la sensibilidad como vías legítimas de conocimiento. Los resultados indican que la percepción ambiental no solo se logra a través de conceptos, sino también de experiencias corporales que anteceden al lenguaje y fomentan un vínculo afectivo con la naturaleza. Reflexionar sobre este sentido de pertenencia es esencial para redefinir el papel de la educación ante las crisis socioambientales contemporáneas. La conclusión es que la fenomenología, al enfatizar la experiencia directa y la interacción corporal con el entorno, contribuye a una educación ambiental transformadora, estructurada no solo por la información, sino también por la interacción existencial del individuo con el mundo natural.

Palabras clave: Educación Ambiental. Fenomenología. Pertenencia.

1 INTRODUÇÃO

A emergência de novas formas de pensar a educação ambiental no século XXI tem exigido abordagens que extrapolem os paradigmas tradicionais centrados apenas na racionalidade científica e na transmissibilidade de conteúdos. No contexto de crises socioambientais complexas, o vínculo subjetivo entre o sujeito e o mundo em que habita se revela essencial para uma formação mais crítica, ética e comprometida com a sustentabilidade.

A fenomenologia, nesse sentido, tem se destacado como uma via epistemológica promissora, capaz de reaproximar a educação das experiências vividas, do corpo e da sensibilidade, elementos muitas vezes negligenciados pelos modelos pedagógicos modernos. O desafio, portanto, é compreender como essa abordagem filosófica pode contribuir para a ressignificação da educação ambiental como prática de pertencimento e percepção integrada do ser humano com o ambiente.

A escolha da fenomenologia como lente teórica não é arbitrária. Trata-se de uma perspectiva que nasce de uma crítica profunda ao modelo positivista de ciência, marcado pela objetivação do mundo e pela cisão entre sujeito e objeto. Como bem aponta Marcondes (2016),

“o termo ‘fenomenologia’ foi inicialmente utilizado pelo filósofo e matemático alemão do séc. XVIII Johann Lambert para caracterizar a ‘ciência das aparências’ e empregado posteriormente por Hegel em sua ‘ciência da experiência da consciência’, sendo esta a tradição em que Husserl se inspira” (Marcondes, 2016, p. 16).

Esse retorno à experiência da consciência, ao mundo da vida (Lebenswelt), propõe uma reconfiguração das bases do conhecimento, deslocando o foco da observação externa para a vivência interna e encarnada do fenômeno.

Essa mudança de perspectiva tem profundas implicações para o campo educacional e, particularmente, para a educação ambiental. A separação artificial entre o ser humano e a natureza, reproduzida historicamente por práticas educativas descontextualizadas e conteudistas, encontra na fenomenologia um contraponto radical. Ao colocar a experiência no centro do processo de conhecimento, essa abordagem nos convida a repensar o modo como os sujeitos percebem, sentem e se relacionam com o ambiente. Nesse sentido, Ribeiro et al. (2009) afirmam que

“em contraponto ao positivismo e sua pretensa objetividade e neutralidade científica, a fenomenologia de Husserl possibilita a retomada da humanização da ciência, estabelecendo uma nova relação entre sujeito e objeto, homem e mundo, considerando-os polos inseparáveis, sob dois traços fundamentais: identificar o fenômeno e sua essência” (Ribeiro et al., 2009, p. 46).

Tal visão estabelece o pertencimento como uma dimensão fundamental do processo educativo e ecológico.

Com base nessas premissas, o presente estudo tem como objetivo investigar as contribuições da abordagem fenomenológica para a educação ambiental, destacando sua ênfase na experiência vivida e na construção de pertencimento ao mundo natural. Acredita-se que, ao privilegiar o vivido, o sentido e a corporeidade como elementos constituintes do saber, essa perspectiva pode resgatar dimensões da formação humana que foram marginalizadas pela lógica técnica e instrumental da modernidade. A pesquisa parte da hipótese de que a fenomenologia, ao recusar a separação entre sujeito e mundo, pode inspirar práticas pedagógicas mais sensíveis, éticas e transformadoras, em sintonia com os desafios ecológicos contemporâneos.

A justificativa para esta investigação está ancorada na urgência de se repensar os fundamentos epistemológicos da educação ambiental, tendo em vista sua ineficácia quando reduzida a meras ações informativas ou campanhas pontuais. A literatura científica revela uma crescente busca por abordagens mais integradoras, como indicam Angeli (2017) e Magacho (2017), que enfatizam o papel das experiências, das emoções e das percepções na formação de valores ecológicos. Além disso, a fenomenologia permite tensionar o reducionismo cognitivista e racionalista que ainda predomina nas práticas educativas, propondo uma abertura ao sensível, ao intuitivo e ao ético.

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa de cunho bibliográfico, conforme orientações de Lakatos e Marconi (2017). O estudo baseia-se em obras filosóficas, artigos científicos e dissertações acadêmicas que discutem a interface entre fenomenologia, percepção e educação ambiental. A escolha da metodologia qualitativa justifica-se pela natureza interpretativa e compreensiva do objeto de estudo, voltado à análise de significados e sentidos atribuídos à experiência vivida. O levantamento bibliográfico, por sua vez, possibilita o mapeamento e a sistematização das contribuições teóricas já produzidas sobre o tema, funcionando como um estado da arte que localiza a presente reflexão no campo de estudos já consolidado.

Assim, o problema que norteia este trabalho pode ser formulado nos seguintes termos: em que medida a fenomenologia da experiência e do pertencimento pode contribuir para a ressignificação da educação ambiental no contexto atual? A questão busca provocar uma reflexão sobre os limites e possibilidades de se pensar a formação ambiental não como mera aquisição de conteúdos ecológicos, mas como vivência afetiva, perceptiva e ética do ser-no-mundo. Tal enfoque aponta para uma mudança paradigmática na forma de conceber e praticar a educação ambiental, deslocando-a do campo da objetividade fria para o da sensibilidade vivida (Husserl, 2006).

Cabe destacar que a presente pesquisa também se inspira nos aportes de autores que vêm explorando essa vertente perceptiva e experiencial da educação ambiental. Ozmon e Craver (2004) afirmam que

“não é uma síntese puramente intelectual, ao contrário, ela é experimentada pelo corpo e no mundo, em nível pré-reflexivo. A reflexão ocorre após a percepção e ajuda a solidificá-la ou clarificá-la, pois uma percepção que não é seguida de pensamento logo se perde” (Ozmon e Craver, 2004, p. 252).

Tal afirmação reforça o papel da corporeidade e da sensibilidade como vias de acesso ao conhecimento, reafirmando a centralidade da experiência direta como base para uma educação mais significativa.

Dessa forma, propõe-se uma leitura crítica das práticas atuais de educação ambiental, identificando suas limitações e apontando caminhos possíveis para sua ampliação a partir da fenomenologia. Acredita-se que somente quando o ser humano se perceber como parte da natureza, e não como seu dominador ou espectador, será possível promover uma mudança efetiva em sua relação com o mundo. Como afirma Oliveira (2006),

“a partir do momento em que o ser humano se sentir como elemento integrante do meio ambiente, os problemas ambientais poderão ser amenizados. Como este não se vê enquanto natureza, sua maior preocupação está relacionada exclusivamente à questão econômica, o que está provocando essa cadeia de desequilíbrio no nosso Planeta” (Oliveira, 2006, p. 33).

Portanto, este estudo se propõe não apenas a discutir conceitos, mas a provocar deslocamentos epistemológicos e éticos na forma de pensar a educação ambiental. Ao priorizar o vivido e o sentido, a fenomenologia resgata o elo perdido entre o humano e o mundo natural, convidando a uma pedagogia da escuta, da presença e do pertencimento. A partir dessa perspectiva, será possível construir uma educação mais sintonizada com as necessidades de um planeta em crise e com os anseios de uma humanidade em busca de reconexão com a vida.

1.1 ENFOQUE DA PESQUISA

A pesquisa adota como eixo metodológico a realização de um estado da arte voltado à interface entre educação ambiental e fenomenologia, com ênfase nas experiências que articulam percepção, corporeidade e vínculo existencial com o mundo natural. Essa escolha não decorre apenas de uma estratégia de levantamento teórico, mas de um compromisso com a identificação de tendências emergentes, lacunas conceituais e experiências formativas que expressem uma abordagem sensível à

complexidade dos processos educativos em contextos ambientais. Como afirmam Romanowski e Ens (2006),

“estados da arte podem significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento, pois procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada” (Romanowski e Ens, 2006, p. 39).

A opção por essa abordagem permite construir uma cartografia crítica e analítica das produções que pensam a educação ambiental não apenas como um campo temático, mas como território de disputas epistemológicas, éticas e políticas. Assim, o estudo busca destacar experiências que, mesmo ainda marginais no corpus acadêmico dominante, revelam-se promissoras por desafiar práticas pedagógicas tradicionais e introduzir uma outra lógica de ensino-aprendizagem ambiental, mais conectada à subjetividade e à presença no mundo. Trata-se de observar como determinados trabalhos, mesmo em contextos específicos, vêm reformulando o lugar da sensibilidade e da experiência como fundamentos pedagógicos (Zanini et al., 2021).

Ao lançar mão desse enfoque, a pesquisa pretende não apenas reunir dados sobre o que já foi produzido, mas mapear os pontos de inflexão teórica que vêm tensionando a centralidade do racionalismo na educação ambiental. Em vez de validar ou invalidar correntes, interessa compreender que deslocamentos vêm sendo produzidos e quais são seus impactos sobre o modo de conceber o sujeito ecológico e os processos formativos a ele relacionados. A fenomenologia, ao ser progressivamente incorporada em diversas investigações, emerge não como uma substituta de paradigmas anteriores, mas como uma ampliação metodológica que valoriza o vivido e o situado como fonte legítima de conhecimento.

Dessa forma, o enfoque adotado não opera como síntese finalizadora, mas como provocação epistemológica: ao organizar e interpretar a produção acadêmica existente, deseja-se criar condições para que novos horizontes de pesquisa e prática sejam intuídos. Com isso, reforça-se o entendimento de que a educação ambiental, pensada pela via da fenomenologia, não pode ser reduzida a um conteúdo, mas deve ser compreendida como experiência, relação e construção de sentido no mundo vivido (Marin, 2009; Oliveira, 2006).

2 A FENOMENOLOGIA E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A fenomenologia, ao propor um retorno à experiência vivida, apresenta-se como alternativa crítica às epistemologias objetivistas que dominaram a ciência moderna e, por extensão, a pedagogia tradicional. Na educação ambiental, essa inflexão representa não apenas uma mudança metodológica, mas, sobretudo uma reconfiguração ontológica: a natureza deixa de ser concebida como um objeto a ser manipulado ou estudado à distância e passa a ser vivida como mundo compartilhado, como extensão do próprio ser. Nessa perspectiva, o conhecimento não se dá prioritariamente pela abstração, mas pela presença sensível e encarnada do sujeito no mundo (Galeffi, 2000).

É nesse sentido que Ozmon e Craver (2004) afirmam que

“não é uma síntese puramente intelectual, ao contrário, ela é experimentada pelo corpo e no mundo, em nível pré-reflexivo. A reflexão ocorre após a percepção e ajuda a solidificá-la ou clarificá-la, pois uma percepção que não é seguida de pensamento logo se perde. A reflexão envolve a linguagem e isso nos afasta ainda mais da imediação” (Ozmon e Craver, 2004, p. 252).

Ao deslocar a centralidade da razão para a percepção, os autores reforçam a necessidade de pensarmos a educação não como transmissão de conteúdos prontos, mas como ativação da experiência, o que, no campo ambiental, implica vivenciar os fenômenos naturais antes de explicá-los conceitualmente (Ozmon; Craver, 2004).

Essa abordagem permite questionar a lógica pedagógica que historicamente priorizou o desenvolvimento cognitivo em detrimento das outras dimensões da existência humana. Como aponta Marin (2009, p. 64), “a educação fundada no pensamento clássico privilegiou o desenvolvimento cognitivo em detrimento das outras dimensões do ser humano”, negligenciando o papel da corporeidade e da sensibilidade na construção do saber. Isso se manifesta de forma aguda na educação ambiental, frequentemente reduzida a estatísticas, gráficos e conteúdos técnicos, distantes da vivência concreta e afetiva que os sujeitos mantêm com seus territórios.

A fenomenologia, ao resgatar o corpo como centro da experiência, devolve à educação ambiental sua dimensão afetiva e relacional. Não se trata de negar a importância do conhecimento científico, mas de reconhecer que esse saber só se torna significativo quando ancorado em experiências sensíveis, quando corporificado no cotidiano dos sujeitos. Nesse sentido, o mundo vivido torna-se a fonte primária de sentido e pertencimento, favorecendo práticas educativas que valorizam a escuta, a observação atenta e o contato direto com os ambientes naturais (Zanini et al., 2021).

A crise ecológica que enfrentamos atualmente pode ser compreendida, em parte, como uma crise de percepção. Ao se distanciar do mundo, ao transformar a natureza em objeto de exploração

econômica, o ser humano rompeu os laços de pertencimento que o conectavam à Terra como espaço de vida compartilhada. A educação ambiental, quando orientada pela fenomenologia, pode contribuir para a reconstrução desse vínculo, ensinando não apenas sobre o meio ambiente, mas a partir do meio ambiente, por meio de uma pedagogia sensível à presença, ao silêncio, ao cheiro da terra e ao som das águas (Oliveira, 2006).

Oliveira (2006) afirma que

“a partir do momento em que o ser humano se sentir como elemento integrante do meio ambiente, os problemas ambientais poderão ser amenizados. Como este não se vê enquanto natureza, sua maior preocupação está relacionada exclusivamente à questão econômica, o que está provocando essa cadeia de desequilíbrio no nosso Planeta” (Oliveira, 2006, p. 33).

Esse alerta evidencia o quanto a educação ambiental, se reduzida à racionalidade instrumental, fracassa em produzir mudança real de consciência. É necessário, portanto, ir além da denúncia e da informação para promover uma reconfiguração perceptiva e afetiva do sujeito em relação ao mundo natural (Oliveira, 2006).

Nesse ponto, a fenomenologia permite integrar dimensões muitas vezes excluídas do processo educativo, como o sentimento, o corpo e o silêncio. Ensinar ecologia, nesse contexto, é menos uma questão de decorar conceitos e mais uma prática de reconexão: escutar a floresta, tocar a água, perceber os ciclos da vida. A fenomenologia inspira, portanto, uma educação ambiental fundada na contemplação, no espanto e na escuta ativa, capazes de engendrar uma ética do cuidado que não se impõe por obrigação moral, mas que brota da experiência sensível de coabitação com o mundo (Marin, 2009).

Esse modo de pensar a educação se alinha às propostas que entendem o aprender como experiência encarnada, como acontecimento que envolve o corpo e o ambiente em uma relação dinâmica. O saber ecológico, nesse viés, não é apenas aprendido, mas vivido. O corpo deixa de ser um simples veículo de ensino e passa a ser o lugar onde o mundo se revela, onde a natureza se expressa e onde o conhecimento emerge da própria experiência de estar-no-mundo (Zanini et al., 2021).

Além disso, essa abordagem também redefine o papel do educador. Em vez de ser um transmissor de verdades absolutas, ele se torna um mediador de experiências, alguém que acompanha o processo de descoberta do outro e que respeita os tempos, os ritmos e as singularidades de cada trajetória formativa. Nesse sentido, o educador ambiental fenomenológico não ensina sobre o meio ambiente, mas ensina com o meio ambiente, permitindo que a natureza seja também agente pedagógica, interlocutora no processo formativo (Angeli, 2017).

A prática pedagógica inspirada na fenomenologia exige, portanto, um deslocamento ético e epistemológico. É preciso abandonar a pretensão de controle e previsibilidade e abrir-se ao inusitado, ao que escapa aos manuais e às métricas de desempenho. Na educação ambiental, isso significa acolher a imprevisibilidade dos fenômenos naturais e a singularidade das vivências dos educandos como parte constitutiva do processo de aprendizagem (Magacho, 2017).

A abertura fenomenológica ao mundo vivido possibilita também uma educação que respeita os saberes locais e comunitários, muitas vezes ignorados pelos discursos científicos hegemônicos. Essa valorização da experiência situada dialoga diretamente com propostas de justiça ambiental, que reconhecem o conhecimento como uma construção plural, marcada por diferentes formas de sentir, perceber e interpretar o mundo (Angeli, 2017).

Por fim, é possível afirmar que a contribuição da fenomenologia para a educação ambiental reside na sua capacidade de reconduzir o humano ao mundo de forma ética e sensível. Ao reconhecer o corpo como lugar de saber e a percepção como via de acesso ao real, essa abordagem resgata a potência educativa da vida cotidiana, das relações, dos gestos e dos afetos. Trata-se de uma pedagogia que não busca domesticar o mundo, mas habitá-lo com respeito, escuta e presença (Ozmon; Craver, 2004).

Diante disso, a educação ambiental sob a ótica fenomenológica aparece como um campo fecundo para a formação de sujeitos implicados com a vida em sua integralidade. Ao invés de formar técnicos da sustentabilidade, pretende-se formar humanos capazes de sentir o planeta, compreender seus ciclos e atuar em defesa daquilo que lhes toca, não por imposição externa, mas por ressonância existencial (Oliveira, 2006).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões desenvolvidas ao longo deste trabalho, torna-se evidente que a fenomenologia oferece uma contribuição significativa à reconfiguração da educação ambiental, ao deslocar o foco da racionalidade abstrata para a experiência vivida e encarnada. Em um cenário global marcado pela intensificação das crises ecológicas e pela fragmentação das relações humanas com o meio natural, é urgente repensar os fundamentos da formação ambiental. A fenomenologia, ao resgatar a importância da percepção, do corpo e da vivência pré-reflexiva, reabre possibilidades para uma educação que não se limita à transmissão de conteúdos, mas que promove o reencontro do sujeito com o mundo que habita (Ozmon; Craver, 2004).

A centralidade do corpo na relação com o mundo vivido, tal como apontado por Merleau-Ponty (1971) e explorado por Marin (2009), evidencia o quanto as práticas educativas historicamente

privilegiaram o domínio cognitivo, em detrimento das outras dimensões do ser humano. Ao incorporar a corporeidade como eixo do processo formativo, a fenomenologia desafia os modelos pedagógicos que reduzem o aprender a operações lógicas ou à decodificação de informações, abrindo espaço para experiências sensíveis, afetivas e éticas que produzem sentido e pertencimento. Essa redescoberta do corpo como sujeito da experiência é também uma redescoberta do mundo como espaço vivido e partilhado (Husserl, 2006).

A educação ambiental, nesse viés, deixa de ser uma instância tecnocrática ou meramente normativa e passa a assumir um papel de reconexão entre humano e a natureza. Tal mudança não é apenas conceitual, mas profundamente política e existencial. Como afirma Oliveira (2006), a crise ecológica está enraizada na forma como os seres humanos se veem fora ou acima da natureza, e não como parte dela. Reconfigurar essa percepção exige um trabalho pedagógico que vá além do informativo, que mobilize a escuta, a atenção, o afeto e a implicação pessoal com o mundo natural.

Neste sentido, o estado da arte realizado neste estudo permitiu evidenciar que já existem experiências e investigações comprometidas com essa abordagem fenomenológica da educação ambiental. Tais produções apontam para práticas pedagógicas mais abertas ao mundo vivido, que reconhecem a singularidade da experiência e valorizam o território, a comunidade e os saberes situados como fundamentos do processo educativo. No entanto, também se evidenciam lacunas e desafios, sobretudo quanto à sistematização teórica dessas experiências e sua difusão nos espaços institucionais de ensino (Romanowski; Ens, 2006).

Dessa forma, este trabalho não se encerra como uma conclusão definitiva, mas como convite a novos percursos investigativos que possam aprofundar as conexões entre fenomenologia, educação e ecologia. A aposta na experiência e no pertencimento como princípios formativos é, antes de tudo, uma aposta na potência do sensível, na ética da presença e na radicalidade de uma pedagogia que escuta o mundo e se deixa afetar por ele. Mais do que ensinar sobre o ambiente, trata-se de criar condições para que cada sujeito possa sentir-se parte dele e, a partir disso, comprometer-se com sua preservação de forma autêntica e significativa (Zanini et al., 2021).

Conclui-se, que a fenomenologia não oferece à educação ambiental um novo conjunto de conteúdos, mas uma nova forma de estar no mundo e de aprender com ele. Ao recolocar a experiência como centro do processo formativo, ela nos convoca a uma educação mais ética, sensível e enraizada, capaz de formar sujeitos não apenas informados, mas implicados com a vida em todas as suas dimensões.

REFERÊNCIAS

- ANGELI, T. Os significados de justiça ambiental nas pesquisas em educação ambiental: uma análise a partir de teses e dissertações brasileiras. 113f. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista. 2017
- GALEFFI, D. A. O que é isto — A fenomenologia de Husserl? In: Ideação, Feira de Santana, n.5, p.13-36, jan./jun. 2000.
- HUSSERL, E. Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica. São Paulo: Idéias & Letras, 2006.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Título: Fundamentos de Metodologia Científica Edição: 8. ed. Editora: Atlas, 2017
- MAGACHO, L. N. Pesquisa em Educação Ambiental e Movimentos Sociais: um estudo sobre teses e dissertações brasileiras. 145f. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista. 2017.
- MARCONDES, D. Uma iniciação à filosofia: os herdeiros da modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. 2016.
- MARIN, A. A. A percepção do Logos do Mundo Estético: contribuições do pensamento de Merleau-Ponty aos estudos de Percepção e Educação Ambiental. Interações, v. 05, nº 11, 2009. Disponível em <<https://doi.org/10.25755/int.375>> Acesso em: em 01 de jun. de 2025.
- MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.
- OLIVEIRA, N. A. S. A educação ambiental e a percepção fenomenologia, através de mapas mentais. Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient. v.16, janeiro-junho de 2006.
- OZMON, H. A; CRAVER, S. M. Fundamentos Filosóficos da Educação. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- RIBEIRO, W. C.; LOBATO, W.; LIBERATO, R. C. Notas sobre fenomenologia, percepção e educação ambiental. In: SINAPSE AMBIENTAL, 7, 2009, Betim, Anais... Betim, 2009, pp.42- 65.
- ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte”. Diálogos Educacionais, v. 6, n. 6, p. 37–50, 2006.
- ZANINI AM, SANTOS AR dos, MALICK CM, OLIVEIRA JA de, ROCHA MB. Estudos de percepção e educação ambiental: um enfoque fenomenológico. Ens Pesqui Educ Ciênc (Belo Horizonte) [Internet]. 2021; 23:e32604. Available from: <https://doi.org/10.1590/1983-21172021230127>